



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
MEMORIAL DESCRITIVO DO PRODUTO

PAOLA PÉREZ CUENDA

ALHURES: Brasília no olhar estrangeiro

ORIENTADORA:

PROF. DRA. MARIA LETÍCIA RENAULT CARNEIRO DE ABREU E SOUZA

BRASÍLIA – DF

JUNHO DE 2016

PAOLA PÉREZ CUENDA

ALHURES: Brasília no olhar estrangeiro

**Memorial descritivo do produto apresentado à
Universidade de Brasília como requisito para
obtenção do título de graduada em Jornalismo
na Universidade de Sevilha.**

**Orientadora: Prof. Dra. Maria Letícia Renault
Carneiro de Abreu e Souza**

BRASÍLIA – DF, JUNHO DE 2016

PAOLA PÉREZ CUENDA

ALHURES: Brasília no olhar estrangeiro

**Memorial descritivo do produto apresentado à
Universidade de Brasília como requisito para
obtenção do título de graduada em Jornalismo
na Universidade de Sevilha.**

**Orientadora: Prof. Dra. Maria Letícia Renault
Carneiro de Abreu e Souza**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Maria Letícia Renault C. de A. e Souza

ORIENTADORA

Prof. Dra. Tânia Siqueira Montoro

MEMBRO

Prof. Dra. Susana Madeira Dobal Jordan

MEMBRO

Prof. Dr. Gustavo de Castro e Silva

SUPLENTE

BRASÍLIA – DF, JUNHO DE 2016

Aos futuros estudantes estrangeiros que nem imaginam como vai ser a nova cidade onde vão morar. Principalmente, aos brasilienses ou candangos que me ajudaram nesta aventura que foi a vida em Brasília e aos amigos que a compartilharam comigo. Pessoas que provavelmente eu não volte a ver. Mas, pessoas que mudaram minha vida. Pessoas que têm me mudado. E sem dúvida, a Brasília. A cidade que me fez sentir como em casa e tanto me ensinou.

“El periodismo, tanto el informativo como el de opinión, es el mayor garante de la libertad, la mejor herramienta de la que una sociedad dispone para saber qué es lo que funciona mal, para promover la causa de la justicia y para mejorar la democracia”

(Mario Vargas Llosa)

Agradecimentos

Não posso começar a escrever esta página sem agradecer em primeiro lugar aos meus pais, Jose María e Aguasanta, não só pelo fato de ter me dado a vida e de criar-me e querer-me como fizeram ou pelo amor incondicional. Mais do que isso: eles me ensinaram que nesta vida você tem que lutar por o que você quer porque as coisas não são fáceis de conseguir. Lutadores desde que nasceram e as pessoas que sempre estarão aí para apoiar-me nos futuros projetos na minha vida. Meus exemplos a seguir. Mas, sobretudo, devo agradecer a eles que apesar de que não estiveram de acordo no começo apoiaram minhas ilusões e vontade de vir ao Brasil para estudar. Sinto um enorme orgulho de como eles superaram seus medos vendo minha felicidade fazendo o que eu realmente queria. Meus sucessos sempre serão para eles, pois sem eles não sou nada.

Também não posso esquecer aos meus irmãos, María del Carmen e Jose María, meus segundos pais, meus padrinhos, meus melhores companheiros e minha guia na vida. Sempre conte com eles incondicionalmente e sem questões. A minha irmã por ensinar-me que na vida você tem que ser corajoso e não ter medos. Ao meu irmão por ensinar-me que com constância todo pode se conseguir.

Obrigada a meus avós, meus anjos do céu, pelo amor e doçura. Obrigada pelos anos de risos e carinhos, pelas correções e repreensões. Obrigada por mostrar-me que as raízes nessa vida são tão importantes quanto as asas.

A todos os professores que compartilharam seus conhecimentos e que me ensinaram tantas coisas sobre a profissão. Especialmente à professora Letícia Renault que me ofereceu a possibilidade de fazer este trabalho com sua ajuda e de me continuar ensinando com sua sabedoria. Obrigada pelos conselhos e pelas forças e boa energia que sempre me transmitiu. Obrigada também ao Rogério que desde o semestre passado tinha dores de cabeça com se eu podia ou não fazer meu trabalho final de conclusão em Brasília. Obrigada pela paciência para explicar-me a burocracia.

Também não posso esquecer de Andreia Xavier e Ig Freitas da UnBTV que desde o momento que falei a ideia que eu tinha na minha cabeça falaram sim e ofereceram se para ajudar. Obrigada, também, aos companheiros da TV pela paciência e ajuda, assim como dicas: Lis, Bernardo, Issis, Gabí, Jaderson, Tainá, Sara, João Pedro e Alex.

Obrigada também a todas as pessoas que apareceram no documentário, tanto estrangeiros como brasileiros, pela sua colaboração e disponibilidade.

Por último, mas não menos importante, obrigada a Universidade de Brasília por dar-me a possibilidade de estudar nela e viver essa experiência. E, por suposto, a todos aqueles amigos, tanto os que conheci no Brasil como os que não, pelas conversas e pelos conhecimentos aprendidos com eles. Aos novos amigos, obrigada por acolher-me tão bem nesta cidade e ser tão generosos comigo. E aos amigos de sempre, obrigada por o apoio constante.

Também, não posso esquecer da Universidade de Sevilha, quem me deu a oportunidade de estudar um ano fora e onde estudei os três primeiros anos do curso de

Jornalismo. Assim, como não posso esquecer dos professores que me deram a base para cada dia ser mais jornalista e aprender das suas experiências sobre esta bela profissão. E, por último, minhas colegas de aulas com as quais compartilhei risos, estresses, tardes de estudos, trabalhos, e saídas, aniversários e muitos momentos bons que nunca esquecerei. Sole, María Garduño, Maribel, Reyes, María Tenorio, Helena, Carmen Roper, María García y Carmen Bernabéu, que começámos e acabamos este desafio juntas. E como não, a cidade de Sevilha que me ensinou a madurar como pessoa e aprender a conviver com pessoas desconhecidas e que hoje são grandes amigas: María Tena, Rocío e Bea, obrigada pelo apoio, por ser quase uma família e pelas noites de estudo juntas.

Resumo

Este Trabalho de Conclusão de Curso teve por objetivo a produção do documentário “*ALHURES: Brasília no olhar estrangeiro*”. O documentário trata de mostrar para o espectador estrangeiro como é Brasília, uma cidade ainda desconhecida para muitos. Assim, o objetivo de este documentário é mostrar quanto de diferente é Brasília no olhar dos estrangeiros e como eles olham para a cidade onde moram. A produção do documentário foi desenvolvida do início até fim, em todas as etapas pela pesquisadora, como forma de se desafiar nas habilidades do jornalismo audiovisual. Para realização do documentário foi feita uma pesquisa documental sobre a história da capital do Brasil.

Palavras-chave: Brasília; jornalismo; documentário; reportagem; Brasil.

Resumen

Este Trabajo de Fin de Grado tiene como objetivo la producción de un documental “*ALHURES: Brasília no olhar estrangeiro*”. Este documental trata de mostrar al espectador extranjero como es Brasilia, una ciudad todavía a día de hoy desconocida para muchos. Así, el objetivo de este documental es mostrar cuan diferente es Brasilia siguiendo la percepción de extranjeros y como ellos ven la ciudad donde viven. La producción y realización del documental fue llevada a cabo de principio a fin por la autora del mismo como forma de poner a prueba sus habilidades dentro del periodismo audiovisual. Para la realización de este documental, se realizó una investigación sobre la historia de la capital de Brasil.

Palabras clave: Brasília; periodismo; documental; reportaje; Brasil.

Sumário

1. Introdução	9
2. Objetivos e justificativa do trabalho	10
3. Percorso teórico-metodológico	14
3.1. Quem é Brasília?.....	14
3.2. Reflexões sobre jornalismo e documentário.....	27
4. Memória do trabalho	36
4.1. Metodologia.....	36
4.2. Locomoção.....	38
4.3. Equipamento.....	38
4.4. Gastos.....	38
4.5. Edição.....	39
5. Considerações finais	40
6. Referencial bibliográfico	42

1. Introdução

Com este documentário, *ALHURES: Brasília no olhar estrangeiro*, pretendo mostrar a Brasília que meus olhos vêem, desde meu ponto de vista estrangeiro, assim como dos meus colegas intercambistas. Brasília, desde outro lugar, que é o significado da palavra em português, mas muito pouco utilizada, alhures.

Mas, para compreender esta cidade única eu devia primeiramente pesquisar sobre a história dela. Uma história interessante e bem diferente das outras cidades do Brasil e do mundo. A cidade mais nova do Brasil que foi construída para ser capital. Uma cidade que foi construída em só 3 anos. Uma cidade que nasceu de um sonho. Uma cidade com só 50 anos de história e que ainda hoje segue em construção. A capital do maior país de América Latina.

Essa história da cidade me levaria a entendê-la melhor e entender melhor a dos candangos, as pessoas que moram nela. Uma cidade que me tornou como pessoa e como jornalista. Depois de nove meses nela, analisei-la com meu olhar e centrei-me nas pequenas coisas que a dia de hoje já acostumei a ver e não chamam tanto minha atenção, mas que quando chegue sim.

O documentário procura contextualizar ao estrangeiro que não conhece Brasília, a partir do depoimento dos próprios entrevistados, tanto estrangeiros como candangos, e do meu.

2. Objetivos e justificativa do trabalho

Este trabalho de conclusão de curso busca produzir um documentário sobre Brasília com o objetivo de mostra-la como a cidade mais moderna do Brasil. Uma cidade maravilhosa que sem dúvida é diferente de qualquer cidade que você imagine, inclusive distinta de qualquer cidade do Brasil. Um documentário que mostre os cantos de Brasília. Um documentário que mostre para o mundo como é a desconhecida capital do Brasil que agora cumpre apenas 56 anos de vida. Uma cidade de um país que agora mais que nunca estão construindo sua história juntos.

Sempre fui uma pessoa muito indecisa na hora de tomar decisões. Sobre tudo, se essas decisões são importantes. E o tema deste trabalho acho que é uma decisão importante e da qual eu devia estar muito segura. Por isso, foi uma decisão difícil realizar algo em solo e idioma estrangeiro.

Sempre gostei muito dos temas sociais e do jornalismo comprometido com a sociedade porque acredito que o jornalismo é feito por jornalistas que antes de todo são pessoas e é feito para as pessoas. No entanto, o jornalismo necessariamente cumpre essa função de mediador que tem a obrigação de informar ao seu público das medidas do governo. Acredito assim firmemente na popular expressão: “Sem jornalistas, não há jornalismo; sem jornalismo, não há democracia”, que é o lema da *Federación de Asociaciones de Periodistas de España* (FAPE)¹. Mas, o jornalismo também deve levantar a voz para defender os direitos das pessoas e para dar a conhecer suas realidades. Em definitiva, para representar à sociedade e mostrar-lhes a realidade. Por isso, gosto muito de uma sentença de um grande do jornalismo da língua hispana:

El periodismo es una pasión insaciable que solo puede dirigirse y humanizarse por su confrontación descarnada con la realidad².
(Gabriel García Márquez; Asamblea da SIP³, 7 de outubro de 1996.)

Assim, queria mostrar no meu trabalho a realidade do povo brasileiro pois é o país onde estou morando neste momento. Minha ideia estava ainda um pouco confusa na minha cabeça: mostrar numa reportagem fotográfica a desigualdade da sociedade brasileira. A intenção era mostrar as pessoas que não tem voz em Brasília, as pessoas que moram na rua, as pessoas que vieram para Brasília com a esperança de uma vida melhor, as pessoas que ninguém vê. Além disso, queria relacionar a ideia da construção da cidade de Brasília como uma cidade nova e moderna, uma esperança para os brasileiros, com esses brasileiros que já não tem mais esperança.

Comtudo, a fotografia sempre foi uma das minhas paixões dentro do jornalismo. A imagem pode mostrar muitas mais coisas que o texto e que melhor formar para retratar uma sociedade que a través de imagens. Além disso, a imagem pode traspasar fronteiras e assim seria mais fácil de entender o que eu quero falar no meu trabalho na Espanha: “Uma imagem vale mais que mil palavras”.

¹ Federação de Associações de Jornalistas de Espanha

² “O jornalismo é uma paixão insaciável que só pode ser abordada e se humanizar pela sua confrontação com a realidade”.

³ Sociedad Interamericana de Prensa (Sociedade Interamericana de Imprensa)

No hay nada peor que una imagen brillante en un concepto borroso⁴.
(Robert Capa)

Mas, como já falei a escolha do tema ainda estava confusa. Outra ideia iria rondar na minha cabeça. Isso foi quando a professora Letícia Renault explicou para mim a ideia que ela tinha para o meu trabalho de conclusão: uma reportagem ou documentário sobre Brasília, como a cidade mais nova de Brasil que foi construída para ser capital. Uma reportagem que mostrasse ao exterior como era Brasília de diferente ao mundo. Uma cidade com só 50 anos de história e que ainda hoje segue em construção. A capital do maior país de América Latina e a esperança da união de todos os brasileiros num só. Uma esperança de futuro. Um país que queria gritar para o mundo que era um país moderno.

Logo de pensar um tempo, essa proposta me convenceu. Achei que seria muito bom mostrar para outros estrangeiros como era Brasília com a ideia de que eles não fiquem tão confusos como eu quando aceitei o programa de intercâmbio. No exterior não conhecemos nem sabemos como vai ser Brasília antes de vir. Mesmo assim, tem pessoas na Espanha que eles ainda acham que a capital do Brasil é Rio de Janeiro. Ainda que você procure informação e vídeos, não imagina como vai ser Brasília, porque as pessoas sempre pensam que vai ser muito diferente, muito mais parecido a imagem que têm de Brasil (praia, sol, palmeiras, samba, futebol e carnaval), mas na verdade Brasília é muito diferente.

Além disso, Brasília é uma cidade que ainda hoje está construindo sua história. Quando alguém visita uma cidade nova sempre espera ver a parte antiga da cidade. Isto é algo que no começo chamou-me muito a atenção: Brasília não tem construções mais velhas ou antigas. Tudo em Brasília é novo e todos os prédios seguem o mesmo padrão. Eles todos compartilham um autor: Oscar Niemeyer. O homem que construiu todo nesta cidade.

Mas, uma pergunta surge: Por quê fazer meu trabalho de conclusão sobre Brasília? Uma pergunta sem resposta. Simplesmente, gostei de Brasil e achei muito diferente Brasília das cidades que eu tinha visitado anteriormente. Sem dúvida, é uma cidade distinta das quais na Europa costumamos visitar. Uma cidade que me deu a oportunidade de melhorar no âmbito do jornalismo. Uma cidade confortável e com gente maravilhosa. Uma cidade que também me mudou como pessoa. Talvez essa seja a resposta.

Depois de ter o tema escolhido e com a ajuda e aceitação da orientadora, o seguinte passo era definir se a reportagem seria para televisão, ou seja, se seguiria o modelo tradicional de reportagem, ou se este documentário iria dirigido a outros canais audiovisuais que cada vez têm mais sucesso como Youtube o Facebook, ou talvez para à UnBTV, a televisão da nossa universidade.

Então, decidimos que o formato mais idôneo para este trabalho seria o documentário e o veículo onde iria ser exibido seria na Internet para assim chegar a quanta mais gente possível, pois esse é um dos objetivos do jornalismo. Além disso, o documentário é um tipo de reportagem mais descontraído e mais propício para que os

⁴ “Não há nada pior do que uma imagem brilhante em um conceito confuso”.

entrevistados expressem livremente sua opinião. E também é mais fácil para o público entender, pois como já falamos a imagem é a melhor forma de mostrar uma realidade desconhecida.

A partir disso, demos início ao processo de pesquisa e coleta de referências bibliográficas sobre o assunto para depois iniciar as gravações e entrevistas.

Além disso, para mim este documentário é um desafio pessoal porque até agora não tinha enfrentado um trabalho assim. Sempre gostei de tirar fotografias e também teve algumas experiências com imagens em movimento, vídeo, durante os anos que estudei meu curso de Jornalismo. Mas, como sabemos, o Jornalismo é um trabalho em equipe, e as vezes que eu tive contato com vídeo e edição foi assim, em equipe. Mas, agora é diferente. Tive toda a responsabilidade sobre este trabalho pois o desafio neste Trabalho de Conclusão de Curso foi demonstrar minhas habilidades como produtora, repórter, repórter cinematográfica, editora e finalizadora da matéria. Todas as funções numa pessoa só, esse é o desafio. Por isso, eu enfrentei este trabalho com muita vontade de aprender e melhorar, mais sei e aceitarei meus erros, que sem dúvida tendingerei.

Mas, além de tudo, vejo este documentário como uma oportunidade de demonstrar minhas habilidades e uma forma de pôr-me a prova para ver até quanto posso fazer. Pois, hoje em dia, o jornalista tem que saber fazer todo, porque está surgindo um novo modelo de profissional capaz de trabalhar sozinho: de apurar matéria, fazer perguntas, gravar, editar e postar a matéria na internet. E nós, os futuros jornalistas, temos que estar preparados para o novo mercado que nos aguarda após as portas da faculdade.

Uma das coisas que aprendi em Brasil, uma lição de vida, é que os brasileiros sempre tentam ajudar ao outro até quando não têm para eles. Assim foi como uma colega do estágio na UnBTV, Lis Cappi, teve uma brilhante ideia: eu poderia fazer meu documentário para a TV e assim eles poderiam ajudar-me com seus conhecimentos sobre vídeo e edição, além de facilitar-me o equipamento da TV. Neste ponto, temos que explicar que tem um mês e meio que estou estagiando na UnBTV onde me receberam muito bem e estou aprendendo ainda mais sobre o Telejornalismo do que já aprendi com a professora Letícia Renault. A experiência lá está sendo muito boa porque é minha primeira experiência laboral e aí dá para ver como é o trabalho do jornalismo no real, no dia a dia. Além disso, é meu segundo semestre na Universidade de Brasília, onde estou gostando muito das aulas porque acho que aqui as aulas são mais dinâmicas e participativas do que na Espanha onde o professor fala para 90 alunos que só tomam notas. Por isso, pela cidade e pelos amigos e experiências que vivi nesta cidade foi que decidi voltar.

Depois de pensar e falar com minha orientadora, falei com Ig Uractan Freitas Carvalho e Andréa Xavier da Silva, coordenadores de cinegrafistas e de produção da UnBTV. Sem dúvida nenhuma, aceitaram e ofereceram-se para ajudar-me em todo o que eles pudessem. Andréa Xavier explicou que eu tenderia que fazer todo, concertar as entrevistas, faze-las com ajuda dos companheiros estagiários e do motorista, gravar e editar. Eu seria a responsável produtora da matéria. Ig Uractan Freitas, no entanto, me deu um conselho: que tivesse as ideias claras do que queria gravar e as imagens que queria fazer. O desafio era o mesmo, só que com o apoio da TV e a confirmação de que

uma vez pronto o documentário seria passado na UnBTV. Mas já no processo de produção do documentário, o objetivo de exibi-lo lá estava presente.

3. Percurso teórico-metodológico

3.1. Quem é Brasília?

Brasília, como sabemos, é a capital do Brasil e a sede do Governo do Distrito Federal, localizada no centro do país. Segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) em 2015, a capital do Brasil contava com quase 3 milhões de habitantes no Plano Piloto, assim como nas cidades satélites que a rodeiam. O Plano Piloto é o desenho principal da cidade, onde se concentra a administração federal. Foi projetado para 500 mil habitantes.

Sem dúvida, a cidade destaca à primeira vista por ser uma cidade “artificial” que falam algumas pessoas, pois é uma cidade que foi desenhada e planejada antes da sua construção para ser capital do país. Isso lhe conferiu o título de Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade pela Unesco por ser a única cidade planejada construída no século XX.

Mas, primeiro de todo, temos que começar pela história de Brasília, embora a história não é o nosso foco do trabalho, pois o que nos interessa é a cidade que me acolheu, a cidade que Brasília é hoje: uma cidade ainda em construção.

As primeiras ideias mudancistas datam do ano 1789 e é própria dos Inconfidentes Mineiros, entre os quais destacava Tiradentes por suas ideias de independência de Brasil do Reino de Portugal, que incluíram em seu programa a transferência da capital do Rio de Janeiro para São João del-Rei. Mas, Dom Bosco foi o único que teve a graça divina de sonhar com a “terra prometida” onde se iria a construir a nova capital do país em 1883.

Num desses sonhos, ele previu, no mesmo paralelo onde está construída a Capital Federal, o local da Terra Prometida. (SILVA, ERNESTO, 1985, pp. 41)

Durante o Império e a República continuou-se discutindo se Rio de Janeiro era apropriada ou não para continuar sendo a capital do país, inclusive fizeram muitas constituições onde reconheciam a necessidade da mudança da capital para o interior do país. Mas, não foi até 1891 que se constituiu a Missão Cruls liderada pelo doutor Luiz Cruls com o objetivo de estudar a topografia, orografia, hidrografia, condições climatológicas, flora e fauna e abastecimento de águas da região.

Assim, ao final da expedição elaboraram um relatório onde mostravam as características favoráveis daquela terra até essa época desconhecida. Nesse documento explicavam que a região era ótima para ser a nova capital pois tinha cursos abundantes de água límpida, uma rica floresta, um clima muito favorável e constante, a pureza do ar e um solo fértil. Por isso, se perguntavam:

Não conviria, pois, procurar dar àquela imensa região a vida que lhe falta? (SILVA, ERNESTO, 1985, pp. 60)

Pouco depois, em 1948, foi criada a Comissão de Estudos para a Localização da Nova Capital do Brasil dirigida pelo General Poli Coelho. Neste relatório era a primeira vez onde se mencionava o número de habitantes que esta iria ter: 500.000. Esta comissão seria depois liderada por Marechal Pessoa que organizou a primeira viagem para o Planalto Central nos primeiros meses de 1955 com a intensão de ver como elaborariam o projeto para comunicar a nova cidade com o país inteiro mediante rodovias e ferrovias. Ernesto Silva lembrava assim da beleza do céu do cerrado:

Permanecemos por alguns minutos, extasiados, a nos sentirmos pequeninos ante a amplidão do céu azul do planalto fascinante, ante a antevisão da cidade moderna a ali se erguer, dentro em breve... (SILVA, ERNESTO, 1985, pp. 81)

No entanto, muitos relatórios foram feitos sobre o Planalto Central. O último foi o Relatório Belcher, devido ao qual finalmente o 15 de abril de 1955 selecionou-se o sítio definitivo para a terceira capital do Brasil que daria a conhecer o país em tudo o mundo: que seriam uns 5.000 km² do Planalto.

Mas, quais eram os verdadeiros motivos de esta mudança? O território que hoje ocupa Brasília no Planalto Central foi escolhido para a construção da nova capital por dois razões: o sonho de ter a capital no centro do país e o subdesenvolvimento de essa região. A história diz que o motivo principal de tirar a capital do Rio de Janeiro era porque não era bom ter a capital do país numa cidade superpovoada, enquanto quase todo o território do país estava abandonado.

Não se visava unicamente a construção de uma cidade nem se batalhava apenas pela emancipação de uma região. Os oito milhões e quinhentos mil quilômetros quadrados de terra brasileira receberiam, por igual, os benefícios da interiorização da Capital. Este o OBJETIVO DA LUTA, subentendido no imperativo constitucional que determinava a mudança. (SILVA, ERNESTO, 1985, pp. 14)

Um motivo que também foi muito usado na época era que, do ponto de vista funcional, era perigoso que a capital fosse Rio de Janeiro porque ela está ao lado do mar e em caso de possível enfrentamento bélico, era mais fácil para o inimigo atacar a cidade.

Além disso, outro dos objetivos era unir ao povo brasileiro pois como sabemos Brasil é um país muito grande e as pessoas estavam muito divididas em regiões:

Integrando o Brasil em si mesmo e anulando as diferenças impostas pelo regionalismo. (SILVA, ERNESTO, 1985, pp. 14)

Outro dos motivos que se relaciona com este último era unificar a todos os tipos de brasileiros em um só. Pelo fato de que Brasília era uma cidade nova, criada do nada, muitos brasileiros viriam até aqui para encontrar uma vida melhor. Assim, todos eles conviveriam na mesma cidade o que também ajudaria a relaxar as diferenças entre eles e a criar laços e coisas em comum entre eles. Com o passo do tempo, as pessoas que aqui nasceram seriam esse brasileiro que contém todos em um, pois seus país ou avós seguramente seriam migrantes de outros estados.

Sabíamos que, iniciada a construção da nova Capital, levas de nordestinos, de goianos e mineiros se dirigiam para estas plagas em

busca de melhores salários e empregos mais compensadores, que jamais poderiam conseguir nos seus Estados de origem. Nosso pensamento era criar condições favoráveis nesses municípios vizinhos (colônias agrícolas, pequenas indústrias), dotando-os também de assistência médica e educacional condigna, e preparando-os para receberem esse excesso de migrantes, a fim de que Brasília fosse o que ela deveria ser na realidade: a pequena cidade de 500.000 habitantes, onde os Três Poderes se instalassem, com aquela população adjetiva necessária à população substantiva. (SILVA, ERNESTO, 1985, pp. 124)

Por último, mas não menos importante que os outros, a ideia de construção da nova capital surgiu também com o objetivo de mudar a imagem que no exterior se tinha, em definitiva, de dar a imagem para todo o mundo de um país de vanguarda, moderno e que progressa cada dia. Havia que desligar a imagem que no exterior tinham do Brasil como um país subdesenvolvido e rural, a imagem de um país de indígenas selvagens e onde predominava a floresta. Brasil queria ser um país do século XX, já não queria ser mais um país dominado, se não que queria ser um país de referência na América Latina e no mundo todo.

A população já estava ansiosa e emocionada com a ideia de ter uma nova capital tanto assim que no dia 3 de abril de 1955, em Jataí, Goiás, o futuro presidente Juscelino Kubitschek quando começava sua campanha eleitoral foi indagado por uma pessoa do povo conhecido como Toniquinho. Este perguntou se ele quando fosse eleito mudaria a capital para o Planalto Central. A questão ainda não estava no programa do candidato nem concordava com a mudança, mas respondeu sagazmente que ele faria o que a Constituição diz.

E assim foi. Quando tomou posse como presidente pediu para Marechal Pessoa que lhe informasse de todo. E em maio de 1955 colocaram o símbolo de Brasília, a pedra fundamental, uma cruz de madeira que hoje é conhecida como Cruzeiro.

Essa cruz constitui a verdadeira pedra fundamental da cidade. É, sem dúvida, seu marco histórico e muito mais expressivo do que a placa, fundida no Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo e colocada perto da cidade de Planaltina, dentro do quadrilátero Cruls. (KUBITSCHEK, 1975, pp. 30)

Já em 1956 o presidente propõe formalmente a mudança no que se conhece como “Mensagem de Anápolis”, já que ele ia firmar em Goiânia e devido ao mal tempo, o avião teve que descer em Anápolis e firmar o documento lá. O jornalista Alfredo Nasser lembrava assim:

Ninguém ficou descontente. Ninguém murmurou. Todos acompanharam o esforço do Presidente, interessado em descer. Todos sentiam que a hora era grande demais para que alguém se lembrasse dos seus íntimos sacrifícios pessoais. Aquela noite era histórica e a vigília é a prece dos grandes acontecimentos. (VASCONCELOS, 1989, pp. 22)

A lei da mudança. O dia 22 de setembro de 1956 foi constituída a NOVACAP, quem segundo a Lei número 2.874 de 19 de setembro do mesmo ano era a responsável

da construção da nova capital. O nome proposto pelo deputado Pereira da Silva foi aprovado também nesta lei.

A alegria nos invadia a alma: uma nova capital seria construída para o Brasil, partindo do NADA, do absolutamente NADA. (SILVA, ERNESTO, 1985, pp. 37)

Um verdadeiro desafio tinha diante os dirigentes da NOVACAP: construir em três anos uma capital que fosse o orgulho dos brasileiros. E assim foi, no 2 de outubro a NOVACAP começou. Entre as primeiras medidas estavam:

- O primeiro era construir o aeroporto com pista de 3.300 metros que devia concluir-se em maio de 1957.
- Melhorar as estradas para Anápolis e Goiânia.
- Construir novas estradas internas para comunicação entre os canteiros das obras.
- A construção de um prédio para a NOVACAP.
- Assim como construção de casas para os operários que trabalhavam nas obras.
- Elaboração dos projetos para o Palácio da Alvorada, do Hotel de Turismo, do Aeroporto de Brasília, de Usina do Paranoá, do Serviço de Aguas e Esgotos.

Na primeira visita do presidente da república no outubro de 1956, as primeiras impressões sobre o lugar escolhido para a nova capital foram:

Do alto, assemelha-se a uma região deserta e solitária. Um descampado infinito com ligeiras ondulações. Sente-se, porém, que reúne todas as condições para sede de uma cidade magnífica, um centro de trabalho pacífico e produtivo. Lá do alto, vendo esta paisagem admirável, durante as minhas observações, olhei para as asas do avião e ali vi aquelas duas miniaturas da Bandeira Nacional. Senti que elas representavam um símbolo, o mesmo dos audazes bandeirantes que enfrentando toda sorte de dificuldades, embrenhavam-se pelas selvas na conquista das riquezas do interior brasileiro. E lá embaixo, na vastidão desconcertante do vazio, o cruzeiro de braços abertos, como que saudando que vinha pelos céus. Somos pois, os bandeirantes modernos, empenhados na cruzada da mudança da Capital. (VASCONCELOS, 1989, pp. 43)

Homens e mulheres (embora muitos livros não contem) que trabalham de sol a sol, sem descanso, rapidamente, a nova capital o exigia. Maquinas que abriam a terra vermelha de Brasília. Mais de 3.000 homens e mais de 200 máquinas. Mas, o espirito era de alegria, de desejo, de felicidade. O sonho da nova capital estava cada vez mais perto.

Mas, também muitos curiosos, jornalistas, estudantes, deputados, senadores e até personalidades estrangeiras chagavam para ver como iam as obras. No entanto, o que encontravam era o sertão, por isso eram mais os que não acreditavam nesse sonho que os que sim acreditavam nele.

O presidente estava cada dia mais convencido e envolvido com o projeto:

Brasília significa uma revolução política e uma revolução econômica. Estamos erguendo-a como aquele espirito de pioneiros antigos, dos homens eu desbravaram os sertões modernos em nossas almas

ansiosas por fundar uma civilização no coração do Brasil.
(VASCONCELOS, 1989, pp. 55)

Entre os primeiros prédios que se construíram em Brasília está o Catetinho, que era uma casa de madeira para hospedar ao Presidente. Foi construída com rapidez e pouco dinheiro, por isso era um prédio simples. Como quase todo em Brasília foi construída por Oscar Niemeyer, o aliado de Lúcio Costa, que foi quem construiu o Plano Piloto.



Catetinho, Brasília, 1956

Foto do livro *História de Brasília*

Fonte: www.brazilia.jor.br

Na inauguração do Catetinho, o cantor César Prates canta:

A caminho da floresta brasileira,
a escalpa planura verdejante.
Com a crença que conduz nossa bandeira
surgirá a mais bela Capital
no sertão de nossa terra.
Serás, oh! Nascente Brasília,
a cabloca gentil,
Capital do Brasil.
Serás, no Planalto Central,

a alvorada real de grandeza e de paz.

Eras o sonho do Brasil

na alma de um povo viril.

Mas surgirás no Planalto

a te ergues para o alto

BRASÍLIA!

(VASCONCELOS, 1989, pp. 79)

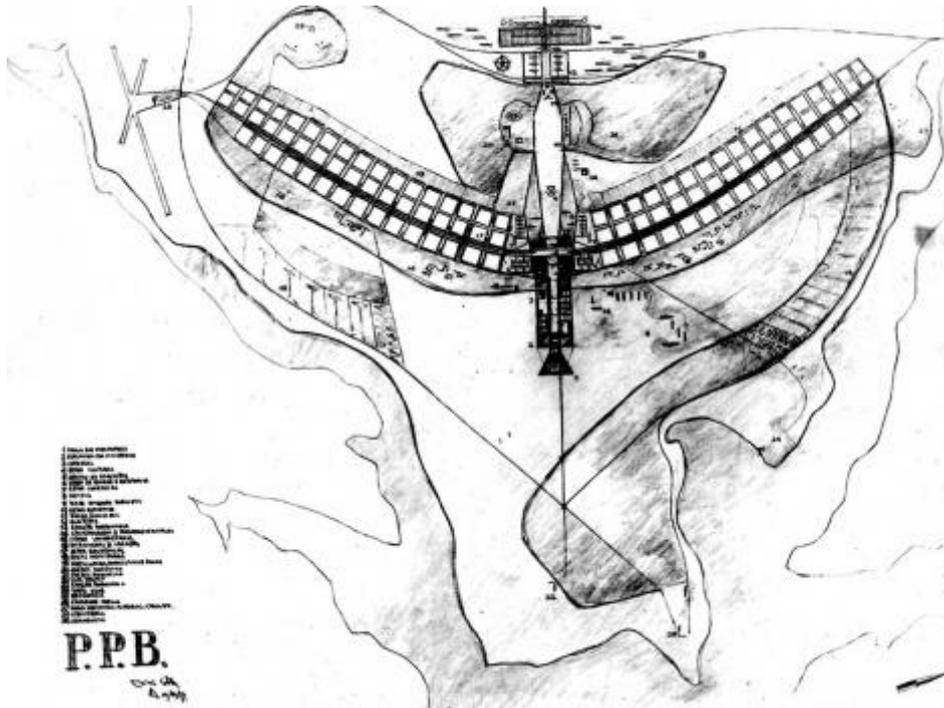
O dia 11 de março de 1957 a NOVACAP recebeu 63 projetos para o concurso da construção do Plano Piloto de Brasília. Finalmente os membros do Júri, que tinha como presidente ao Le Corbusier e onde se encontrava Oscar Niemeyer, decidiram que o melhor projeto seria o apresentado por Lúcio Costa.

Na opinião dos seus membros, o projeto que melhor integra os elementos monumentais na vida cotidiana da cidade, como Capital Federal, apresentado numa composição coerente, racional, de essência urbana – uma obra de arte – é o projeto número 22 (vinte e dois) do senhor LÚCIO COSTA. O Júri propõe seja o primeiro prêmio conferido ao projeto LÚCIO COSTA. (SILVA, ERNESTO, 1985, pp. 156)

Embora o projeto fosse muito simples, ganhou pelas suas grandes e originais ideias pois explicou como ia ser a distribuição da cidade, a qual resultou muito inovadora, ordenada e eficiente. No entanto, Lúcio Costa, o gênio de Brasília, explicava que no primeiro momento ele não ia participar no concurso:

Não pretendia competir e, na verdade, não concorro, apenas me desvencilho de uma solução possível, que não foi procurada, mas surgiu, por assim dizer, já pronta. (SILVA, ERNESTO, 1985, pp. 160)

Assim, ele desenhou a cidade primeiro criando dos eixos que se cruzam em ângulo reto formando uma cruz. Mas um de eles, o eixo horizontal, é arqueado por causas naturais e dá acesso as quadras onde iriam localizar-se primeiramente os setores administrativos, hoteleiros, bancários e cultural com cinema, shopping, museu e outras opções. Mas, também haverá quadras para que os habitantes de Brasília morem, ou seja, residenciais. As quadras de moradia contariam dentro com o comercio necessário, lazer, restaurantes e zonas verdes.

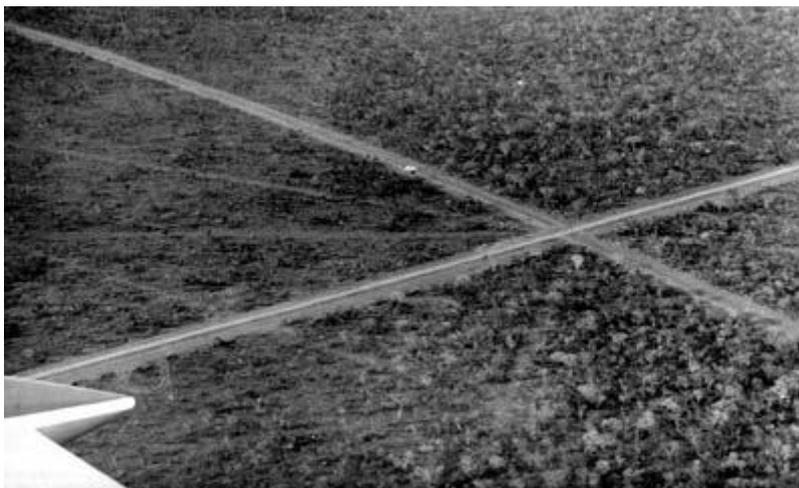


Plano Piloto de Brasília. Autor: Lúcio Costa

Lúcio Costa: registro de uma vivência

Fonte: vitruvius.com.br

Também, desenhou uma esplanada ampla com grama para desfiles ou paradas militares. Nessa esplanada, eixo vertical, haveria os prédios dos Ministérios, a Praça dos Três Poderes (Governo, Supremo Tribunal e Congresso), a catedral, o museu, o teatro, e do outro lado, a Torre de Televisão que serviria como mirador da cidade para os estrangeiros e os próprios brasileiros se surpreendessem com a beleza e ordem de Brasília.



Cruzamento dos dois eixos. Julho, 1957

Foto: Mário Fontenelle/ArPDF

Fonte: Correio Braziliense



Lúcio Costa junto com o Presidente Kubistcheck, 1957

Foto: Arquivo Público do Distrito Federal

Fonte: Correio Braziliense

A Praça dos Três Poderes tem forma de triângulo equilátero o que dá conexão aos três prédios para poder-se comunicar facilmente e também cria a ideia de unidade: todos os poderes da nação estão no mesmo lugar e unidos para trabalhar juntos.



Praça dos Três Poderes, 1957

Fonte: <https://americasouthandnorth.wordpress.com>

Nessa esplanada, como acabamos de falar, também está a Catedral mas fica afastada numa praça autónoma para que não se relacione o Estado e a Igreja. A Igreja é separada do Estado. Todo no seu projeto é muito bem pensado e razoado para não cometer erros.

No cruzamento dos dois eixos, haveria uma estação rodoviária interurbana planejada para estar numa plataforma, a qual os usuários poderão aceder a traves do nível superior pelas escadas rolantes. Nesta rodoviária, haverá bilheteria, mas também bares e lojas. Na parte superior da plataforma haverá também um estacionamento ao lado dum grande shopping.

Lúcio Costa considerava o automóvel “parte da família”, por isso mesmo, Brasília é uma cidade pensada para ir de carro. Ele planejou muito bem o trafego: criou estradas centrais, para que o eixo fundamental esteja conectado e secundarias para liberar de engarrafamentos o centro da cidade e para conectar com todas as partes da cidade. (SILVA, ERNESTO, 1985, pp. 163)

Mas ele não deixou do lado o esporte. Assim, pensou no estádio, no Jardim Botânico e no Jardim Zoológico, além das inúmeras áreas verdes. Mesmo nas quadras ele desejava que o conteúdo de estas quedasse oculto por uma fila de arvores, mas isso não é todo: cada quadra teria uma espécie vegetal distinta. Assim, as pessoas podem passear pela sombra que as arvores dão porque, como sabemos, o sol de Brasília é muito forte.

Também pensou no lago, no qual não quis construir casas perto dele, se não que para a orla da lagoa pensou em bares, restaurantes, clubes esportivos ou núcleos de pesca. O lago já existia e devia ser considerado no projeto pois foi criado em 1955 pela Subcomissão de Planejamento Urbanístico supervisionada por Marechal Pessoa. O objetivo inicial do lago era além de ornamento e lazer, abastecer de agua a cidade. Mas, poucas pessoas sabem que ele na verdade é artificial.

Lúcio Costa na verdade era um gênio, pensava em todo. Tanto assim que pensou na numeração urbana:

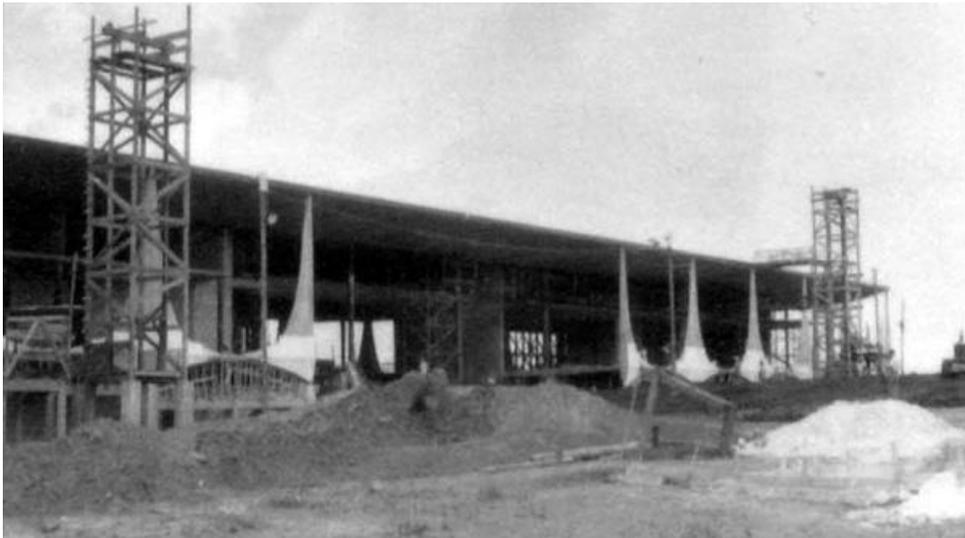
Quanto à numeração urbana, a referência deve ser o eixo monumental, distribuindo-se a cidade em metades NORTE e SUL; as quadras seriam assinaladas por números, os blocos residenciais por letras, e finalmente, o número de apartamentos na forma usual, assim por exemplo: N- Q3- L - apt. 201. A designação dos blocos em relação à entrada da quadra deve seguir da esquerda à direita, de acordo com a norma. (SILVA, ERNESTO, 1985, pp. 169)

Pouco o sonho ia sendo alcançado. O 2 de abril de 1957 foi inaugurado o aeroporto de Brasília pelo Presidente da República junto com os embaixadores da França e Portugal.

No 8 de outubro do mesmo ano, foi inaugurada também a primeira escola primaria da nova cidade com capacidade para 480 meninos e meninas. O prédio foi obra de Oscar Niemeyer, apenas construído em vinte dias. E no dia 16 Brasília conseguiu ter energia elétrica.

Já em 1958, no 30 de junho foi inaugurado o Palácio da Alvorada, a casa residencial do Presidente da República que foi desenhada por Niemeyer. No entanto, quando o arquiteto entregou o projeto ao Presidente não gostou muito e não era o que ele desejava. Mas, o segundo projeto apresentado aprovou-o sem dúvida e em 18 meses foi construído.

As colunas começam a ser chamadas de “símbolo de Brasília”, pelos seus “aspectos novos e inesperados”, com as extremidades em vértice e sequência de curvas harmoniosas. (VASCONCELOS, 1963, pp. 45)



Construção do Palácio da Alvorada

Foto: Arquivo Público do DF

Fonte: Brasília Poética



Superquadras, Brasília, 1960

Foto: *O Futuro da Arquitetura desde 1889*, de Jean-Louis Cohen (Cosac Naify, 20113), p. 335

Fonte: Projectos 7/ Projectos 8

Mas o dia chegou. Depois de muito esforço Brasília estava pronta para ser apresentada aos brasileiros que estavam desejosos por conhecer a nova capital do país. O 21 de abril de 1960 foi inaugurada a capital. Todas as autoridades, embaixadores estrangeiros e visitantes curiosos estavam presentes para assistir ao espetáculo.

E, em menos de três anos – pois que foi em julho de 1957 que a primeira máquina penetrou no Plano Piloto para abrir o Eixo Monumental – em menos de três anos, nós erguemos esta cidade e a dotamos do mínimo indispensável para a transferência da Capital. (SILVA, ERNESTO, 1985, pp. 83)

No dia 20 de abril deu começo os atos para celebrar a inauguração de Brasília onde às 16 horas da tarde o Presidente recebia as chaves da cidade das mãos do presidente da NOVACAP.



Inauguração de Brasília, 1960

Fonte: Cronologia do Pensamento Urbanístico

Às 23:45 do mesmo dia, teve lugar a Missa Solene em Ação de Graças celebrada por o Cardeal Dom Manuel Gonçalves Cerejeira. Onde tanto o presidente como o povo brasileiro choraram de alegria. O sonho era real.



Inauguração de Brasília, Praça dos Três Poderes, 1960

Fonte: Acervo O Globo

Ernesto Silva, autor do livro *História de Brasília: Um sonho, uma esperança, uma realidade*, comenta:

Acenderam os holofotes. Iluminaram-se os arranha-céus de vidro. Jatos de luz colorida começaram a varrer o céu de Brasília. O espetáculo era deslumbrante e comovedor. (SILVA, ERNESTO, 1985, pp. 231)



Inauguração de Brasília, Praça dos Três Poderes, 1960

Foto: M. M. Fontenelle/DIGEPHAC

Fonte: www.brasil.gov.br

As festividades continuaram no dia 21 de abril. Às 16:30, no Eixo Rodoviário, tiveram um desfile de todos os operários e trabalhadores que haviam construído a maravilhosa capital que os brasileiros sonhavam. Também aviões da Esquadrilha da Fumaça sobrevoaram a cidade, além do desfile militar. Os brasileiros estavam emocionados nas ruas desfrutando do espetáculo e festejando. O sonho de Dom Bosco finalmente se cumpriu.



Inauguração de Brasília, Praça dos Três Poderes

Foto: Alberto Ferreira

Fonte: girasp.com.br

O Presidente numa ocasião se referia assim:

De fato, o descobrimento em 1500, a independência em 1822 e, na atualidade, a fundação desta nova Capital Metropolitana, no centro do país, são os três marcos culminantes da vida nacional. (SILVA, ERNESTO, 1985, pp. 198)

Esta é a história de Brasília. História que é quase presente. A cidade neste ano cumpriu 56 anos desde sua fundação. Mas, que são 56 anos? Tem muitas pessoas no país e no mundo que têm mais idade. A maioria das cidades brasileiras têm mais idade. E não só brasileiras, quase a maioria das cidades do mundo. Mas, Brasília é diferente. Brasília ainda está escrevendo sua história. E hoje mais que nunca, neste presente tão convulso.

3.2. Reflexões sobre jornalismo e documentário

“Aunque se sufra como un perro, no hay mejor oficio que el periodismo”⁵. De novo esta sentença é do meu admirado jornalista com letras capitais, o Gabó, Gabriel García Márquez. Um original e fantástico escritor de literatura em espanhol. Um insaciável do jornalismo. Adoro esta expressão sua porque concordo com que o jornalismo é o melhor ofício do mundo. Como se não ia quer ser jornalista?

Também acho que define perfeitamente o sentimento de qualquer jornalista. Muitas horas de trabalho, escrevendo, diante do computador, estresse, presa, sofrimento, dores de cabeça, mais também o jornalista vive experiências incríveis. Um jornalista que não sofre, não em um bom jornalista na minha opinião. O jornalista é por definição incansável, sempre quer mais, vá atrás da informação e cria um produto perfeito.

Para mim, o jornalismo também é compromisso com a sociedade. O jornalismo tem uma função social. O jornalismo tem que mostrar para o cidadão o que está acontecendo no seu redor e que tem interesse para ele. Mostrar a verdade. Isto sempre é o muito importante no jornalismo.

Mas, também tem que mostrar o que o poder está fazendo. O que não está funcionando o está errado. George Orwell dizia: “Periodismo es publicar lo que alguien no quiere que publiques. Todo lo demás son relaciones públicas”⁶. O jornalismo tem que descobrir o podre, o que alguém quer que não saia nos médios. O jornalismo tem que falar do que não se pode falar. Tem que revelar essa fotografia secreta que está com chave, fechada, numa gaveta. Porque como dizia meu professor de Redação jornalística, Antonio López, “si critican tu trabajo, es porque estás haciendo buen periodismo”⁷.

Assim, convém lembrar de uma fala de Mariano Cebrián Herreros no seu livro *La información en televisión: obsesión mercantil y política* sobre a responsabilidade do jornalista com a sociedade:

El periodista no es un profesor, pero se convierte en un educador social. De su actividad se deriva una construcción social de la realidad y, por tanto, tiene dentro de sus funciones una responsabilidad sobre la generación de la opinión pública. El periodista televisivo tiene mayor responsabilidad debido a que gran parte de la sociedad sólo sigue los hechos por televisión. Esta responsabilidad le obliga a ponderar los enfoques y los tratamientos y a tener en cuenta las posibles repercusiones e reacciones sociales que desencadena su trabajo.⁸

⁵ “Embora de sofrer como um cão, não há trabalho melhor que o jornalismo”.

⁶ “O jornalismo é publicar o que alguém não deseja publicar. Tudo o resto é de relações públicas”.

⁷ “Se criticam o seu trabalho, é porque você está fazendo bom jornalismo”.

⁸ O jornalista não é um professor, mas torna-se um educador social. Da sua actividade é derivada uma construção social da realidade e, portanto, tem entre suas funções uma responsabilidade na geração da opinião pública. O jornalista de televisão tem mais responsabilidade, porque uma grande parte da sociedade segue os acontecimentos na televisão. Essa responsabilidade exige que ele ponha na balança as abordagens e tratamentos e considerar as possíveis repercussões e reações sociais que desencadeia o seu trabalho.

O jornalismo deve ser independente dos interesses do poder, e dos poderosos. Neste ponto, é bom recuperar uma fala do excelente escritor também Umberto Eco: “La prensa es todavía una garantía de la democracia”⁹. Certo, esta fala tem muito de verdade. Para mim, o jornalismo é uma das bases principais da democracia.

Verdade e lealdade como obrigação com os cidadãos. Esses são os dois primeiros elementos do jornalismo segundo Bill Kovach e Tom Rosenstiel. Outro dos deveres do jornalista segundo eles é fornecer um foro de debate e crítica para o público, além de fazer as informações acessíveis e compreensíveis para eles.

Não podemos esquecer a liberdade. Pois é outro dos princípios fundamentais do jornalismo. Sem ela não haveria jornalismo. Liberdade de expressão, esse direito que todos temos e é bandeira que os jornalistas movem com força desde os inícios da profissão. Liberdade de expressão que nos últimos meses também está sendo ameaçada. Jornalistas que morrem em mãos de assassinos só por exercer seu direito. Jornalistas sem medo nem deus. Jornalistas que nos lembram de que o nosso trabalho é muito importante e não pode ser feito de qualquer maneira. “No hay mejor manera de medir el grado de libertad de un país que consultando su prensa”¹⁰, dizia Mario Vargas Llosa.

Assim o explica muito bem outro excelente do jornalismo espanhol, Arturo Pérez Reverte em seu artigo *Sobre miedo, periodismo y libertad* publicado no jornal espanhol *El País* em maio de 2014: “Esa es, y será siempre, la verdadera épica del periodismo y de quienes lo practican: pelear por la verdad, la independencia y la libertad de información pagando el precio del riesgo, en batallas que pueden perderse, pero que también se pueden ganar. Haciendo posible todavía, siempre, que un alcalde, un político, un financiero, un obispo, un poderoso, cuando un periodista se presente ante ellos con un bloc, un bolígrafo, un micrófono o lo que depare el futuro, sigan sintiendo el miedo a la verdad y al periodismo que la defiende. El respeto al único mecanismo social probado, la única garantía: la prensa independiente que mantiene a raya a los malvados y garantiza el futuro de los hombres libres”¹¹.

E assim também falava Vargas Llosa em defesa da imprensa livre, numa conferência organizada pelo grupo financeiro suízo Julius Baer em Punta del Este, Paraguai, no mês de janeiro de 2011: “Soy consciente de la importancia fundamental que tiene un periodismo libre, para que una sociedad sea libre, para que se denuncien los errores y los horrores que a veces forman parte de la experiencia social y de la labor heroica, arriesgada, muchas veces trágica que han cumplido tantos periodistas

⁹ “A imprensa é uma garantia de democracia”.

¹⁰ “Não há melhor maneira de medir o grau de liberdade de um país que, na sua imprensa”.

¹¹ “Isto é, e sempre será, o verdadeiro épico do jornalismo e de aqueles que o praticam: lutar pela verdade, independência e liberdade de informação pagando o preço do risco, em batalhas que podem ser perdidas, mas também podem-se ganhar. Tornando possível ainda, sempre, que um prefeito, um político, um financeiro, um bispo, um poderoso, quando um jornalista aparece diante deles com um caderno, uma caneta, um microfone ou o que o futuro nos reserva, ainda sintam o medo à verdade e ao jornalismo que a defende. O respeito para o único mecanismo social testado, a única garantia: a imprensa independente, que afasta o mal e garante o futuro dos homens livres”.

latinoamericanos en nuestra época, víctimas de la censura, de la represión, del narcotráfico, del crimen”¹².

Mas o jornalismo também deve ser imparcial. Mostrar todos os lados da matéria, todas as opiniões. Não há uma verdade, se não muitas. É o leitor ou espetador quem decide em qual verdade deve acreditar. Mas, o jornalismo não deve manipular sua visão da realidade. Só mostrar a realidade.

“Actualmente las salas de redacción son laboratorios asépticos para navegantes solitarios, donde parece más fácil comunicarse con los fenómenos siderales que con el corazón de los lectores”¹³. Esta é outra afirmação brilhante de García Márquez. O jornalismo de hoje é um jornalismo desumanizado, sem sentimentos. Um jornalismo onde o protagonista da notícia é o político corruto e não o cidadão que não tem para comer. Um jornalismo que fala uma matéria desde fora, sem involucrar-se. Um jornalismo egoísta que não se solidariza com as pessoas. Um jornalismo que está perdendo sua função de crítica e está sendo sometido aos interesses dos poderosos. Um jornalismo de pouca qualidade, mas muita quantidade de jornalismo. Um jornalismo que só se soluciona com mais jornalismo, mas com bom jornalismo. Não serve qualquer.

A reportagem sempre foi o gênero dourado, tanto na imprensa escrita como na televisão. Mas é um gênero que na opinião de García Márquez está perdendo importância e qualidade com as novas exigências no jornalismo no século XXI: “La prisa y la restricción del espacio ha minimizado el reportaje, que siempre tuvimos como el género estrella”¹⁴.

No entanto, o formato do meu trabalho está mais perto do documentário que como já falamos é mais livre e descontraído. Assim, Bill Nichols no seu livro *Introdução ao Documentário*, acredita na possibilidade que o documentário oferece para mostra a realidade, mas vai mais além do que isso só:

Se o documentário fosse uma *reprodução* da realidade, [...] teríamos simplesmente a réplica ou cópia de algo já existente. Mas ele não é uma reprodução da realidade, é uma representação do mundo que vivemos. Representa uma determinada visão do mundo, uma visão que talvez nunca tenhamos nos deparado antes, mesmo que os aspectos do mundo nela representados nos sejam familiares. (NICHOLS, 2012, p.47)

O nosso principal objetivo é esse: mostrar outra visão de Brasília. Um documentário que mostre ao exterior como é Brasília de diferente ao mundo e mesmo ao Brasil. Uma cidade que, como já falamos, só tem 56 anos de história e que ainda hoje segue em construção. A capital do maior país de América Latina e o quinto maior do mundo. Uma esperança de futuro, ainda hoje para muitos. Todo em Brasília é novo e

¹² “Eu estou ciente da importância fundamental de uma imprensa livre, para que uma sociedade seja livre, para que se denunciem os erros e horrores que às vezes fazem parte da experiência social e, o trabalho heroico, arriscado, muitas vezes trágico que cumprem tantos jornalistas latino-americanos em nosso tempo, vítimas da censura, repressão, o tráfico de drogas, crime”.

¹³ “Hoje as redações são laboratórios assépticos para marinheiros sozinhos, onde parece mais fácil comunicar-se com os fenômenos siderais que os corações dos leitores”.

¹⁴ “A pressa e a restrição de espaço minimizou a reportagem, que sempre foi o gênero estrela”.

todos os prédios seguem o mesmo padrão. Uma cidade confortável e com gente maravilhosa.

Além disso, também com este documentário poderíamos quebrar o estereótipo que na Europa temos sobre Brasil. Um país ainda subdesenvolvido. Com muita pobreza, mas também com muita riqueza. Um país muito desigual. Um país que tem muitas pessoas na rua. Inclusive pessoas que moram na rua. Também, um país inseguro, perigoso e onde o narcotráfico é um dos maiores negócios. O país do futebol e do carnaval. O país do samba. Um país de sol, praia e pessoas na rua. Acabar com essa crença é também um dos objetivos principais do nosso trabalho.

Assim, o documentário e o poder do vídeo e da imagem parecem que é a melhor forma de registrar e mostrar essa realidade. Mas, segundo Bill Nichols o documentário pode ser de dois tipos: os documentários de ficção e os de representação social. Devido a nosso objetivo, escolhemos o segundo tipo.

Os documentários de representação social são os que normalmente chamamos de não ficção. Esses filmes representam de forma tangível aspectos de um mundo que já ocupamos e compartilhamos. Tornam visível e audível, de maneira distinta, a matéria de que é feita a realidade social, de acordo com a seleção e a organização realizadas pelo cineasta. [...] Os documentários de representação social proporcionam novas visões de um mundo comum, para que o exploremos e compreendamos. [...] Essas visões colocam diante de nós questões sociais e atualidades, problemas recorrentes e soluções possíveis. (NICHOLS, 2012, pp. 26-27)

No entanto, segundo o autor dentro do documentário de representação social, temos seis subgêneros: poético, expositivo, observativo, participativo, reflexivo e performático. Depois de analisar detidamente todos os tipos, podemos dizer que este documentário sobre Brasília está dentro de quatro tipos: poético, observativo, participativo e performático.

O primeiro tipo procura registrar menos dados e fatos históricos, e tenta assim persuadir ao público de alguma ideia. Céntresse numa ideia e tenta desenvolvê-la, mas não pretende ser um estudo exaustivo nem profundo da matéria. Também tenta convencer dessa ideia, por o que é muito utilizado nos canais de TV fechada. Assim, surgiu no século XX. “Ele é montado por uma série de fragmentos, impressões subjetivas, atos incoerentes e ações vagas”, explica Nichols.

Por outro lado, o tipo de documentário observativo surge nos anos 60 como alternativa ao poético, que quase não tinha informação, e ao expositivo, que era demasiado persuasivo. O observativo tem como finalidade procurar um ponto de vista espontâneo e original da vida.

O respeito a esse espírito de observação, tanto na montagem pós-produção como durante a filmagem, resultou em filmes sem comentários com *voz-over*, sem música, sem efeitos sonoros complementares, sem legendas, sem reconstituições históricas, sem situações repetidas para a câmera e até sem entrevistas. (NICHOLS, 2012, p. 147)

Segundo o autor, este subgênero do documentário faz ao espectador um sujeito ativo na interpretação do que ele está assistindo. Mas, se o documentário tivesse sido de outra maneira, os pontos de vista que poderiam surgir seriam diferentes. Também, o documentário observativo parte da ideia de que independentemente de que a câmera estivesse lá ou não os acontecimentos teriam acontecido do mesmo jeito.

O documentário participativo foi denominado por Rouch e Morin de *cinema verité*, ou seja, “cinema-verdade”. A ideia fundamental que eles defenderam é que o documentário mostra o que a câmera registrou quando o cineasta estava lá, o que contradiz o modo observativo.

Assim, ela é o oposto da premissa observativa, segundo a qual o que vemos é o que teríamos visto se estivéssemos lá no lugar da câmera. No documentário participativo, o que vemos é o que podemos ver apenas quando a câmera, o cineasta, está lá em nosso lugar. Jean-Luc Godard uma vez declarou que cinema é verdade 24 vezes por segundo: o documentário participativo satisfaz essa assertiva. (NICHOLS, 2012, p. 155)

Neste tipo de documentário, é possível que o jornalista se envolva tanto no documentário que este só tenha uma voz ou ponto de vista, a do jornalista. Inclusive, que ele se torne ator na matéria e possa mudar a realidade com pequenas ações. Assim, faz que “seu próprio envolvimento na história ser crucial para o desenrolar dos acontecimentos”.

Um aspecto muito importante do documentário participativo para o meu documentário é que o modo participativo permite transformar o relato da história em um relato pessoal, como um diário de viagem, onde o jornalista conta o testemunho em primeira pessoa e adiciona as suas impressões. Assim, o documentário conta a experiência própria do jornalista. Esta característica é de relevância para nosso documentário pois as vezes eu contarei minha experiência pessoal em Brasília para mostrar melhor essa experiência do intercâmbio e de morar numa cidade tão diferente das que eu visitei na minha vida.

O cineasta também pode querer apresentar uma perspectiva mais ampla, frequentemente histórica em sua natureza. Como isso pode ser feito? A resposta mais comum inclui a entrevista. A entrevista permite que o cineasta se dirija formalmente às pessoas que aparecem no filme, em vez de se dirigirem ao filme com comentário *voz-over*. No documentário participativo a entrevista representa uma das formas mais comuns de encontro entre o cineasta e o tema. (NICHOLS, 2012, p. 159)

Mas, segundo Nichols as entrevistas também facilitam a transmissão da informação que o jornalista quer passar para o público e fazem que o documentário tenha uma visão mais ampla com mais pontos de vista. Como afirma o autor, “isso situa o filme mais honestamente num momento dado e numa perspectiva distinta; enriquece o comentário com a textura de vozes individuais”.

Por último, o modo performático é aquele que usa as experiências, memórias, valores, crenças e emoções para a compreensão sobre o funcionamento da sociedade.

Este estilo foi criado nos anos 80 e busca que o jornalista fale sobre sua realidade no documentário, contendo assim características subjetivas.

Esses filmes nos envolvem menos com ordens ou imperativos retóricos do que com uma sensação relacionada com sua nítida sensibilidade. A sensibilidade do cineasta busca estimular a nossa. Envolve-nos em sua representação do mundo histórico, mas fazemos isso de maneira indireta, por intermédio da carga afetiva aplicada ao filme e que o cineasta procura tornar nossa. (NICHOLS, 2012, p. 170-171)

Agora vamos falar como utilizamos esses modos de documentário no nosso. No primeiro caso, o estilo poético foi usado na captação das expressões faciais e posturas corporais na tentativa de capturar as emoções e os sentimentos dos entrevistados em relação a Brasília. Assim como imagens detalhe da cidade, das pessoas caminhando na rua, as imagens dos entrevistados ou das danças e comidas. Todas essas imagens constroem a narrativa para tentar transmitir a sensação do que é viver em Brasília.

Na linha do documentário observativo estaria também essa tentativa de mostrar a essência da cidade. Aqui também entra o modo participativo pois as pessoas diante de uma câmera não se comportam igual que sem ela, embora você fale que sejam naturais e fazem o que eles costumam fazer. Assim, a repórter tem que tentar quebrar essa barreira com o entrevistado para que ele confie e não esteja incomodo diante da câmera. Mas, por exemplo isso no caso das entrevistas aos intercâmbistas não é tão difícil pois a repórter tem interagido antes mais com eles. Assim, a entrevista se torna uma conversa descontraída.

Por último, como já falamos o modo performático também foi utilizado na narração das experiências pessoais e impressões sobre a cidade da repórter.

Por outro lado, o documentário jornalístico é aquele onde a repórter é invisível no vídeo, ou seja, só está presente na voz que nos conta o relato da história, mas em nenhum momento ninguém aparece no vídeo falando. Este modelo foi o que escolhemos para nosso documentário. Todo o espaço do vídeo fica, sobre tudo, para as imagens da cidade e para os entrevistados.

No entanto, não há participação externa do repórter ou gravação de sonoras. A voz *off* do locutor é que ilustra as imagens. (VIZEU, Alfredo; MELLO, Edna; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska, 2015, p. 111)

Assim, uma vez decidido que o formato do meu trabalho ia ser um documentário, temos que diferencia-o da grande-reportagem.

No caso do documentário e da grande reportagem de TV, alguns afirmam que um elemento diferenciador é a profundidade com que o assunto é tratado. Em contrapartida, pode-se argumentar que, tanto quanto o documentário, a grande reportagem também busca ir fundo na investigação dos fatos. Além do mais, quais seriam os parâmetros que iriam apontar a maior ou menor profundidade de um programa? Então, a profundidade não seria um critério válido para mostrar a diferença. Outros sustentam que a diferença entre reportagem e documentário diz respeito, unicamente, à questão do tempo de duração do programa. Enquanto o documentário seria mais longo, a

reportagem, mais curta. A nosso ver, essa diferença simplifica demais o problema, pois, qual seria o limite de tempo que separa um gênero do outro? Não é possível classificar, de maneira consistente, uma matéria que dure 15 minutos como reportagem e, uma outra, com 15 minutos e 30 segundos, como documentário. As colocações feitas acima reforçam nossa afirmação de que o problema dos gêneros jornalísticos está longe de ser resolvido. (MELO, GOMES E MORAIS, 2001)

É muito certo o que os autores falam em relação do tempo, pois tem documentários que duram só 10 minutos. Por outro lado, Melo, Gomes e Moraes falam da neutralidade do jornalista no documentário. Assim, embora o jornalista tente, não pode ser totalmente imparcial porque ele se involucra na matéria e aí ele sem querer, por exemplo, na escolha das imagens, na edição das entrevistas e nas palavras utilizadas no off, o jornalista deixa sua marca.

Os autores também falam da “atenção equitativa” a todas as visões da matéria. Assim, o jornalista tem que pegar a visão de todos os implicados na matéria. Assim, o tempo que ele dedica para cada entrevistado também pode ser um elemento de parcialidade. Mas, obviamente embora o jornalista coloque todas as visões da história, ele também vai deixar sua opinião implícita. Mas essa parcialidade segundo os autores é necessária.

[...] se por um lado o documentarista dá voz aos seus retratados com o objetivo de levar o espectador a tirar suas próprias conclusões em relação a um tema, por outro, esse mesmo documentarista almeja convencer o público de que a história que está sendo narrada tem uma moral – à semelhança das narrativas literárias. [...] Ou seja, por trás de uma “historinha” aparentemente despretensiosa, defendem uma moral, o que, na perspectiva de Gancho (1997), poderia ser considerada como “a mensagem do texto”. Podemos dizer, então, que a parcialidade no documentário é mais do que necessária, é quase uma exigência do gênero. Nesse caso, cai por terra o mito da imparcialidade jornalística. (MELO, GOMES e MORAIS, 2001)

Mas, uma coisa fica clara. A imagem tem o poder de “condensar e sintetizar o que quer fazer ver” seja a través da fotografia, do filme ou da reportagem para televisão. A imagem é fundamental para a documentação e ainda mais, ela permite aproximar ao espectador para a realidade que é apresentada no documentário. “Como representação simbólica, a imagem cumpre funções ao estabelecer relações do homem com o mundo”. (RENAULT, 2014, p.51)

Além disso, a forma de fazer telejornalismo nos dias de hoje tem mudado muito desde os começos. Hoje o público não é só espectador, é também ator e produtor de imagens em muitas ocasiões.

A participação do público na captação de imagens e até mesmo no agendamento do que será noticiado é uma marca do telejornalismo contemporâneo. A audiência passa a ser uma nova fonte de informação na construção da notícia, o que é facilitado pelo avanço de tecnologias de registro de imagens e pelo crescente acesso da população a dispositivos moveis, capazes de captar flagrantes de seu cotidiano. [...] Neste contexto, o telejornalismo veicula também narrativas migrantes, que deslizam de um suporte a outro, e que não

podem ignorar as outras telas que convivem com a TV na era trans e crossmidiática, isto é, em que a mesma informação é compartilhada em vários suportes. (VIZEU, Alfredo; MELLO, Edna; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska, 2015, p. 108)

Assim, hoje temos o que Alfredo Eurico Vizeu Pereira Junior e Tenaflae da Silva Lordêlo chamam de “convergência jornalística”. Isto é que uma mesma notícia é difundida em distintos meios de comunicação, mas antes é adaptada para cada meio específico.

A convergência tecnológica implica uma reorganização do processo de produção e distribuição jornalística, favorecendo o surgimento de novos modelos de produção jornalísticas, com uma série de recursos característicos das mídias digitais, tais como distribuição multiplataforma. No caso específico do jornalismo de TV, além dos recursos de distribuição multiplataforma, o fazer telejornalístico vêm incorporado, na produção noticiosa, imagens de amadores, produzidas com telefones celulares, que não seguem quaisquer dos critérios profissionais de controle e verificação da informação. (VIZEU, Alfredo; MELLO, Edna; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska, 2015, p.137)

Mas, as novas tecnologias como já falamos fazem que o público possa gravar os acontecimentos e ser uma fonte de informação. Inclusive como falam os autores anteriores, no nosso documentário muitos dos intercambistas se gravaram assim mesmos com seus celulares ou câmeras fotográficas, e contaram sua visão como fonte de informação importante neste documentário.

Obviamente, hoje a internet é um novo meio de comunicação que convive e conflui com os demais meios e que está introduzindo mudanças nos meios tradicionais.

A princípio, tais reconfigurações e alterações estão centradas na lógica da transposição, calcada na crença de que a TV estava sendo digitalizada para a internet. Entretanto, a internet também está indo para a TV, o que gera uma complexidade maior aos produtos da TV, como os noticiários, que se encontra em um cenário de coexistência/junção de meios com funções tradicionais e digitais, possibilitando fluxos de conteúdos multiplataformas e um descolamento do noticiário, com seu meio de origem: a TV. (VIZEU, Alfredo; MELLO, Edna; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska, 2015, p.137)

Sobre isto também fala Paulo Eduardo Cajazeira no seu artigo *A participação no Jornalismo em TV: do analógico ao digital* quando fala do “telejornalismo online”, que traz consigo que a pessoa pode aceder onde quiser e quando quiser à informação sempre que tenha um celular e internet.

Com a popularização da banda larga e a segmentação cada vez maior de conteúdos, o usuário passa a buscar ver no horário e locais disponíveis, com acesso as redes de *wifi* ou banda larga de internet. (VIZEU, Alfredo; MELLO, Edna; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska, 2015, p.198)

Mas, o número de pessoas que assistem TV na internet ainda é pequeno, pois as pessoas preferem os aparelhos de TV tradicionais.

A pesar das mudanças que a internet provoca no telejornalismo, uma coisa que segue inamovível é o poder da imagem. Assim o explica Cárilda Emerim:

O advento das facilidades tecnológicas, ou seja, a facilitação do acesso à produção de imagens e sons, que se tem na contemporaneidade subverte a outra condição prévia do telejornalismo: **o domínio instantâneo sobre as imagens do mundo**. A web pela sua rapidez e linha editorial aberta (pois, recebe tudo aparentemente sem filtros) destituiu a televisão do seu papel onipotente de ser o único veículo de comunicação que detinha o poder de **exibir imagens dos acontecimentos do mundo ao vivo e em tempo real de sua ocorrência**. (VIZEU, Alfredo; MELLO, Edna; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska, 2015, p.221)

Letícia Renault explica muito bem a situação atual do telejornalismo brasileiro que cumpriu no ano passado 65 anos e como a internet não é um inimigo para a TV, se não que é um novo aliado que ajuda a difundir o conteúdo ainda mais:

Hoje, nas edições diárias dos telejornais brasileiros, jornalistas convidam o telespectador a acessar os weblejornais para complementarem informações, opinarem, assistirem a conteúdos exclusivos ou terem a chance de rever a informação emitida ao vivo no fluxo televisivo. Com a internet, os telejornais passaram a tirar proveito das possibilidades de atualizar virtualmente as audiências, como forma, não só de se conectarem com a era digital, mas também de expandirem seu território simbólico de enunciação. (VIZEU, Alfredo; MELLO, Edna; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska, 2015, p.337)

Assim, podemos concluir esta parte falando do conceito de “weblejornalismo” que a professora descreve como “um desdobramento no ciberespaço do telejornalismo”.

O weblejornalismo pode ser compreendido como um conjunto de conhecimentos, rotinas e práticas jornalísticas que resulta na produção e exibição do weblejornal. (VIZEU, Alfredo; MELLO, Edna; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska, 2015, p.339)

4. Memória do trabalho

4.1. Metodologia

Uma vez definido o tema do meu Trabalho de Conclusão de Curso, o primeiro passo era fazer as primeiras apurações. Essas primeiras apurações seriam sobre a história da cidade, como foi construída, todo o processo de mudança da capital e a inauguração, mas também sobre como fazer um documentário. Assim, resolvi isso como já vimos anteriormente.

Nesse ponto, eu tinha que definir os pontos principais que eu queria mostrar no documentário. Assim, decidi que eu queria mostrar as primeiras impressões dos estrangeiros, para o qual as entrevistas dos estrangeiros eram fundamentais.

Mas, também devíamos mostrar a história da cidade para o espectador. Por isso, resolvi que nesse caso a visão de um arquiteto seria importante. No entanto, não só a história de uma cidade mostra a realidade dela. Por isso, havia que mostrar também a atualidade do país.

Por último, mas não menos importante, também era fundamental ensinar para o público estrangeiro a cultura de Brasília, como a comida, a música, a arte, a dança. Todo isso, sem esquecer ao povo brasileiro, como eles me trataram.

Assim, os entrevistados claves seriam os estrangeiros, arquitetos, artistas, historiadores, e como não, os próprios candangos.

Com essas ideias na cabeça começamos o processo de filmagem da cidade e das entrevistas. Para isso, procuramos as fontes exatas, contatamos com eles e marcamos a data e o lugar onde seria feita a entrevista.

No processo de filmagem ocorreram os problemas habituais. Por exemplo, o cartão de memória acabou ou a bateria da câmera acabou, mas entrevistas foram bem profundas e como abarcamos todas questões que eu queria tocar, não foi preciso repetir. No entanto, também teve problemas com o formato de gravação pois era no 3:4 e não no 16:4, aí tem uma entrevista a dois intercambistas que tentei arrumar para que não ficasse tão diferente.

Assim, também tem alguns intercambistas que já foram embora e tiveram que fazer a traves dos seus celulares, ou que esqueceram o português e tiveram que falar em espanhol. Também tivesse gostado de entrevistar mais estrangeiros, mas não quiseram aparecer no documentário ou não tinham tempo para concertar a entrevista por causa dos trabalhos e probas da universidade.

Mas, um dos problemas piores foi com o áudio porque na minha câmera só tem o microfone dela, aí foi difícil tentar deixar todos os áudios mais ou menos parecidos. Sobre o áudio, também temos que adicionar que finalmente optei por que a narração em primeira pessoa fosse feita com minha voz. No primeiro momento achei que seria melhor fazer com uma voz brasileira. Mas, depois de pensar sobre isto resolvi fazer eu, pois a pesar de que meu sotaque de português ainda é um pouco portunhol, o documentário fala sobre o ponto de vista dos estrangeiros. Por isso, se o português fosse perfeito ficaria estranho e artificial. Também ficaria estranho pois nenhum dos estrangeiros fala português perfeito e inclusive, muitos falam espanhol.

Também, tive a dúvida se fazer o documentário em espanhol ou em português, pois a maioria dos entrevistados falaram em português, mas os estrangeiros que tinham

problemas com a língua, falaram em espanhol. Mas, finalmente, decidi que como o documentário vai ser passado numa bancada em português, numa universidade brasileira e que talvez vai ser transmitido na UnBTV, seria melhor fazer a narração em português. No entanto, no futuro, gostaria de reeditar em espanhol para poder colocar no Youtube e também, para mostrar para a Universidade de Sevilha.

O resultado final do esforço de gravação foram as entrevistas com as seguintes pessoas:

- Nicolas Berh: Poeta e escritor.
- Maria do Carmo: Professora de Arquitetura na Universidade de Brasília.
- Paulino Aversa: Pintor.
- Adirson Vasconcelos: Historiador e jornalista.
- Moisés de Almeida: Aposentado que trabalhou na construção de Brasília.
- Michael Vargas: Intercambista estudante de Mestrado em Geotécnica na Universidade de Brasília, Espanha.
- José Vicente Muñoz Sánchez-matas: Intercambista estudante de Engenharia na Universidade de Brasília, Espanha.
- Patricia Pérez Masegosa: Intercambista estudante de Administração na Universidade de Brasília, Espanha.
- Mamen Jimenez: Intercambista estudante de Administração na Universidade de Brasília, Espanha.
- Evelyn Mardones: Intercambista estudante de Direito na Universidade de Brasília, Chile.
- Guillermo Galicia: Intercambista estudante de Turismo na Universidade de Brasília, Espanha.
- Macarena Cosntanza Saa Santelices: Intercambista estudante de Direito na Universidade de Brasília, Chile.
- Tahía Tamara Chacón: Intercambista estudante de Direito na Universidade de Brasília, Chile.
- Pedro Ahumada Romagnoli: Intercambista estudante de Direito na Universidade de Brasília, Chile.
- Sergio Ruiz de Arce: Intercambista estudante de Mestrado em Direito na Universidade de Brasília, Paraguai.
- Joaquín Samuel Medina Hurtado: Intercambista estudante de Administração na Universidade de Brasília, Bolívia.
- Daniela Martinez Bernal: Intercambista estudante de Artes Plásticas na Universidade de Brasília, Colômbia.
- Marion Proust: Intercambista estudante de Línguas Aplicadas na Universidade de Brasília, França.
- Danna González Millares: Intercambista estudante de Artes Psicologia na Universidade de Brasília, Colômbia.
- Marta Celestino: Intercambista estudante de Turismo na Universidade de Brasília, Espanha.
- Solange Gómez Herrera: Intercambista estudante de Direito na Universidade de Brasília, Chile.

4.2. Locomoção

Para me deslocar pelos distintos lugares da cidade que queria filmar e aos lugares onde ia fazer as entrevistas, normalmente utilizei o transporte público, pois como já falei só estrangeira e não disponho de carro próprio em Brasília. Com transporte público, refiro-me ao ônibus, metrô e Uber.

Na verdade, a maioria das vezes foi de ônibus. A passagem de ônibus é 3 reais pela viagem. Mas, devemos ter em conta que a maioria das vezes você precisa ir para a Rodoviária e lá pegar outro ônibus para onde você deseja ir pois todas as linhas saem de lá.

Assim, mesmo para pegar o metro você também precisa ir na rodoviária pois a cidade não tem muitas linhas de metrô. De fato, só tem duas. Mas, o metro é bem mais rápido que o ônibus, mas está longe ainda do metro de Madri. O preço pela viagem é de 4 reais.

No entanto, a entrevista com o poeta Nicolas Berh foi na periferia da cidade quase chegando a Sobradinho. Aí, a melhor opção foi pegar um Uber. O preço da viagem foi 40 reais porque o motorista não sabia chegar e ficamos perdidos. Assim, na volta, na frente do viveiro dele, tinha um paradeiro de ônibus e aí peguei para que a volta fosse mais barata.

Mas, também utilizei o carro da UnBTV para uma das entrevistas que foi no Núcleo Bandeirante realizada ao pintor Paulino Aversa.

As demais entrevistas foram na UnB ou na Colina, pelo qual foi caminhando.

4.3. Equipamento

Próprio:

- Câmera Canon EOS 600D com lente 18-55 mm
- Tripé Slik Sprint Pro II 3Way K439
- Telefone BQ Aquarius M5
- Aplicativo gravador de voz

Da UnBTV:

- Câmera Sony PNW EX3
- Tripé Manfrotto
- Cabo para microfone
- Microfone de mão
- Iluminador Led para filmadora

4.4. Gastos

- **Passagem de ônibus:** 3 reais pela viagem

- **Passagem de metro:** 4 reais pela viagem
- **Viagem de Uber:** 40 reais

4.5. Edição

A edição foi o trabalho mais difícil e rápido, por causa de que eu não tinha muitos conhecimentos anteriormente e porque a data de entrega estava quase chegando. No entanto, o primeiro era construir o roteiro. Decisão muito importante, pois esta marca a linha que o documentário vai seguir e como vamos contar isso. Isto foi realmente difícil para mim pois eu nunca tinha feito um documentário sozinha e porque havia que ter as ideias muito claras. Sobre tudo, o difícil era unir os diálogos, dar conexão ao documentário e fazer este interessante para que o espectador no feche a pantalha do seu computador.

Depois de isto, era preciso ver de novo todas as entrevistas para seleccionar o importante da fala de cada entrevistado. Isto também foi um processo largo e difícil, sobre tudo, para uma pessoa só. Aí surgiram algumas modificações no roteiro inicial.

Na seleção da música, tentamos procurar sonoras bem locais de Brasília, e algumas do Brasil mais conhecidas no exterior para que o espectador estrangeiro esteja sempre situado de onde estamos.

5. Considerações finais

Este trabalho foi muito importante para mim, pois me ensinou a trabalhar sozinha, não em equipe, como normalmente costumo. Foi uma experiência dura porque todo depende de você, mas também muito boa porque as vezes no jornalismo, e mais na atualidade, o jornalista deve fazer toda a matéria sozinho.

Também foi uma experiência muito gratificante pois conheci pessoas interessantes que me motivaram a minha curiosidade para pesquisar mais sobre a história de Brasília e me ajudaram a ver tanto o positivo da cidade como o negativo. O resultado do trabalho sempre foi incerto, e parecia que nunca ia chegar, mas finalmente conseguimos fazer algo que, sem dúvida, reconheço que poderia ser melhor.

Quase ninguém entendia a minha vontade de fazer um documentário sobre Brasília, como ela seria feita, que iria tratar, mais a ideia estava clara na minha cabeça. O objetivo era que os estrangeiros que iriam vir para Brasília não ficassem tão perdidos como eu, que eles quase soubessem todo da cidade donde iam viver o que iam visitar. Mostrar Brasília no estrangeiro, dar mais visibilidade a uma cidade que na minha opinião é magnífica. E também mostrar para os que me chamaram louca por vir para Brasil, que não todo é perigo, favelas, drogas, futebol e samba, se não que é um país onde se pode viver perfeitamente e do qual temos muito que aprender os países mais desenvolvidos.

Um desafio para mim, desde todos os pontos de vista possíveis, inclusive a dificuldade de escrever a memória deste Trabalho de Conclusão de Curso numa língua que não é a minha: o português. Por isso, peço desculpas de ante mão pelos possíveis erros.

Este documentário também me ajudou a entender a atualidade de Brasil. Tempos tão convulsos em que a democracia brasileira está sendo ameaçada, acho que é um bom ponto para pensar. Neste momento, questiona-se no Brasil inteiro se a democracia caiu e estamos numa ditadura. Tem pessoas que falam que sim e tem pessoas que falam que com a Dilma viviam a ditadura. Na minha opinião, sempre humilde, a democracia ainda não caiu, embora pudesse cair.

A democracia brasileira está sofrendo e a constituição não está sendo respeitada. Mas, o mais importante para mim é que a opinião do povo não está sendo respeitada. O povo não está sendo respeitado. Ninguém perguntou para eles. Se eles querem que a Dilma continuasse ou não. Ninguém perguntou. Eles manifestaram na rua suas ideias, mas os políticos fizeram o que eles queriam falando que representavam seu estado, mas não perguntaram. O que eles não pensam agora é que eles estão aí graça ao povo e são a eles a quem devem respeito e devoção. Não ao contrário.

O povo brasileiro, o melhor do Brasil e de Brasília. Claro, o clima, os animais, as paisagens, a vegetação são coisas que eu adoro do Brasil. Mas, certamente, o que eu mais gosto é o seu povo. Pessoas diferentes, de diferentes raças, religiões diferentes, diferentes ideologias, diferentes sotaques, mesmo de diferentes culturas. Imigrantes de outros países que vêm morar no Brasil e que eles aceitam sem qualquer problema. Não é

como na Espanha ou na Europa que vemos imigrantes como uma ameaça e nós repelimos porque pensamos que eles estão vindo para tomar nossos empregos e vão assumir o controle do país. Embora a realidade está longe disso. Deveríamos aprender dos brasileiros. Todos eles vivem juntos em harmonia e ninguém questiona as idéias do outro. Simplesmente eles respeitam. Falar, ajudar ao outro, compartilhar com a família ou amigos, as pessoas que ouvem a você para aprender com o seu ponto de vista sobre a vida. Pessoas generosas . Pessoas humanas. Pessoas que dão sua mão sem esperar nada em troca.

Sem dúvida, o melhor do Brasil é o seu povo e este é o tesouro que eu vou levar desta experiência: as pessoas que eu conheci. Pessoas que provavelmente eu não volte a ver. Mas as pessoas que mudaram a minha vida. Pessoas que têm me mudado.

6. Referencial bibliográfico

- BEHR, Nicolas. *A teus pilotis*. Brasília, 2014.
- BEHR, Nicolas. *Beije-me*. 3.ed. Brasília: Sigel Capital, 2012.
- BEHR, Nicolas. *Brasília-Z: Cidade-Palavra*. 7.ed. Brasília, 2014.
- NICHOLS, Bill. *Introdução ao documentário*. 2.ed. Campinas, SP: Papirus, 2005.
- PACHECO, Altamiro de Moura. *Primórdios de Brasília*. Universidade de Brasília.
- RENAULT, Letícia. *Webtelejornalismo*. 1.ed. Rio de Janeiro: e-papers, 2014, p. 49-55.
- SILVA, Ernesto. *História de Brasília: Um sonho, uma esperança, uma realidade*. 2.ed. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1985.
- VASCONCELOS, José Adirson de. *A epopéia da construção de Brasília*. Edição do autor. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1989.
- VASCONCELOS, José Adirson de. *A mudança da capital*. 2.ed. Edição do autor. Brasília: Gráfica e editoria independência Ltda, 1978.
- VASCONCELOS, José Adirson de. *Mil dias para uma cidade: A epopéia da construção de Brasília*. Universidade de Brasília, 1963.
- VIZEU, Alfredo; MELLO, Edna; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska (orgs.). Coleção Jornalismo Audiovisual. *Telejornal e Praça pública: 65 anos de Telejornalismo*. V. 4. Florianópolis: Editora Insular, 2015.

Fontes da internet

- ACERVO O GLOBO. *Em foco: JK inaugura Brasília*. <http://acervo.oglobo.globo.com/fotogalerias/jk-inaugura-brasilia-9385770>. Acesso em: 14/06/2016.
- BRASILIA 50 AÑOS. MEDIO SIGLO DE LA CAPITAL DE BRASIL . *Historia de Brasilia*. Disponível em: <http://www.brasilia50.info/es/historiabrasilia.php>. Acesso em: 14/06/2016.
- BRAZILIA. *Visão, 1959 “Catetinho nasceu num bar”*. Disponível em: <http://doc.brazilia.jor.br/HistDocs/Pubs/1959-Visao-origem-do-Catetinho.shtml>. Acesso em: 14/06/2016.
- CANEZ, Anna Paula e SEGAWA, Hugo. *Brasília: utopia que Lúcio Costa inventou*. 11 outubro, 2010. Disponível em: <http://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/11.125/3629>. Acesso em: 14/06/2016.
- CHAPARRO, Oscar. *Brasilia: uma utopia moderna. 1956-1960. Lucio Costa/Óscar Niemeyer*. 30 janeiro, 2013. Disponível em: <https://proyectos4etsa.wordpress.com/2013/01/30/brasilia-una-utopia-moderna-1956-1960-lucio-costaoscar-niemeyer/>. Acesso em: 14/06/2016.

CRONOLOGIA DO PENSAMENTO URBANÍSTICO. *Inauguração de Brasília*. Disponível em: <http://www.cronologiadourbanismo.ufba.br/apresentacao.php?idVerbete=1257>. Acesso em: 14/06/2016.

FONTENELE, M. M. *Inauguração de Brasília*. 31 maio, 2010. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/old/imagens/brasil-50-anos/jk-chorando-na-inauguracao-de-brasil-50-anos/view>. Acesso em: 14/06/2016.

FREITAS, Conceição. “Onde fui me meter!”, disse Lucio Costa ao visitar Brasília durante obra. 5 dezembro, 2014. Disponível em: http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2014/12/05/interna_cidadesdf_460658/onde-fui-me-meter-disse-lucio-costa-ao-visitar-brasil-50-anos-durante-obra.shtml. Acesso em: 14/06/2016.

FREITAS, Conceição. *Como nasce uma cidade*. Disponível em: <http://www2.correiobraziliense.com.br/comonasce/>. Acesso em: 14/06/2016.

GIRASP. “Galeria Lume inaugura exposição de Alberto Ferreira”. 7 outubro 2013. Disponível em: <http://girasp.com.br/2013/10/galeria-lume-inaugura-a-exposicao-a-construcao-de-brasil-50-anos/>. Acesso em: 05/07/2016.

LONTRA COSTA, Marcus de. *A forma e o símbolo*. 5 julho, 2013. Disponível em: <http://brasiliapoetica.web1509.kinghost.net/a-forma-e-o-simbolo/>. Acesso em: 14/06/2016.

MELO, Cristina Teixeira V. de; GOMES, Isaltina Mello; MORAIS, Wilma. *O documentário jornalístico, gênero essencialmente autoral*. In INTERCOM – 25º CONGRESSO BRASILEIRO DA COMUNICAÇÃO, Campo Grande, 2011. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/11572121297094948981203363898082664337.pdf>. Acesso em: 17/05/2016.

PÉREZ-REVERTE, Arturo. *Sobre miedo, periodismo y libertad*. 23 maio, 2014. Disponível em: <http://www.perezreverte.com/articulo/perez-reverte/919/sobre-miedo-periodismo-y-libertad/>. Acesso em: 14/06/2016.

SNIDER, Colin M. *On this date in Latin America – April 21, 1960: The Inauguration of Brasília*. 21 abril, 2012. Disponível em: <https://americasouthandnorth.wordpress.com/2012/04/21/on-this-date-in-latin-america-april-21-1960-the-inauguration-of-brasil-50-anos/>. Acesso em: 14/06/2016.

VIAJE A BRASIL. *Historia de Brasilia*. Disponível em: <http://www.viajeabrazil.com/brasil-50-anos/historia-de-brasil-50-anos.php>. Acesso em: 14/06/2016.

WIKIPEDIA. *Historia de Brasilia*. Disponível em: https://es.wikipedia.org/wiki/Historia_de_Brasilia. Acesso em: 20/05/2016.

Fontes documentais

GAVEA FILMES; PIPA PRODUÇÕES. *A vida é um sopro*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8LTcS84Wm6Q> (Parte 1),

<https://www.youtube.com/watch?v=vOf1-JW8kEw> (Parte 2),
https://www.youtube.com/watch?v=t_4zFuPvQtw (Parte 4),
<https://www.youtube.com/watch?v=uMJlqoiIV5o> (Parte 5),
https://www.youtube.com/watch?v=8MOgTrRI_8g (Parte 6). A parte 3 não consegui achar. Acesso em: 15/06/2016.

VIDEO FACE PRODUÇÕES LTDA. *Lucio Costa. A visão do futuro*. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=IrsFb9mX4TE> (Parte 1) e
<https://www.youtube.com/watch?v=zV36nZWxsNQ> (Parte 2). Acesso em: 15/06/2016.